

A ÚLTIMA VISITA DE D. ALBINO CLETO AO CADC

Rui Manuel de Figueiredo Marcos

Sua Excelência Reverendíssima Senhor Bispo Emérito
de Coimbra D. Albino Cleto

Ilustres Convidados

Senhores Membros do CADC

Senhores Doutores

Senhoras e Senhores

1. Numa harmoniosa combinação entre bens de alma e bens de corpo, congregamo-nos hoje aqui para saborearmos a Bíblia em termos espirituais e substâncias¹. Escutaremos a palavra preclara de Sua Excelência Reverendíssima D. Albino Cleto e apreciaremos a palavra confeccionada de Luís Lavrador. Um sincero aceno de simpatia que, seguramente, se converterá em admiração, invade o semblante dos que, de perto ou de longe, acorreram ao CADC, distinguindo os oradores com a sua presença. A todos manifesto, afectuosamente, o meu agradecimento.

Impõe-se, como é de preceito, esboçar um retrato, posto que em traços fugidios, dos nossos consagrados actores bíblicos. Pintemos os rostos imperecíveis de D. Albino Cleto.

2. Naquele período irrequieto das nossas vidas em que se forja uma certa *forma mentis* estava D. Albino Cleto a frequentar os Seminários do Patriarcado de Lisboa, onde foi ordenado Presbítero em Agosto do longínquo ano de 1959.

¹ Discurso proferido pelo Senhor Presidente do CADC, Professor Doutor Rui Manuel de Figueiredo Marcos, em 17 de Maio de 2012.

Senhoras e Senhores

Ao arrepio do que apregoam algumas sereias da novidade, uma carreira sólida, seja empresarial, seja académica, seja religiosa, nunca corresponderá a um riscar meteórico. Ninguém nasce adulto. Como Homem de cultura, um Homem da Igreja nasce muito e faz-se muito. Aliás, D. Albino é Licenciado em Letras pela Universidade Clássica de Lisboa.

Venceu D. Albino, com notável luzimento, os sucessivos graus do *cursus honorum* eclesiástico, ao mesmo tempo que ia ocupando diversos cargos, cada vez mais exigentes. Assim, em 1982, foi nomeado Bispo Auxiliar de Lisboa do então Cardeal Patriarca D. António Ribeiro.

Na condição de membro do Presbitério do Patriarcado, assumiu um florilégio de funções. De Prefeito de Estudos a Vice-Reitor do Seminário de Almada. De Presidente da Comissão Administrativa do Santuário de Cristo-Rei a Vice-Presidente da Comissão Diocesana de Arte Sacra.

Em nítida ascensão, foi ainda Presidente da Comissão Episcopal dos Bens Culturais da Igreja, Secretário e Porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa e Presidente das Comissões Episcopais de Liturgia e Educação Crsitã.

Em 1998, rumou a Coimbra para tomar posse do lugar de Bispo Coadjutor. Volvidos três anos, atingiu o cume da colina eclesiástica, quando, em Março de 2001, se tornou Bispo-Conde de Coimbra.

3. Por uma inteira década, D. Albino manteve-se à frente da Diocese de Coimbra. Eis os tópicos cintilantes da sua *peregrinatio*.

Senhoras e Senhores

Como escreveu Séneca, não devemos computar a idade pelos anos, senão pelos procedimentos. Não há coisa mais torpe do que alguém que nenhuma outra prova tem que viveu muito, mais que a idade. Ora, não poucas exibiu Sua Excelência Reverendíssima.

D. Albino nunca se encerrou numa ebúrnea torre de contemplação de si mesmo e das suas catedrais. Foi um Bispo afectuoso. Cultivou uma grande proximidade às comunidades e às pessoas. As sentenças ásperas só provocam repulsivas resistências. É, sem dúvida, com rogo e palavras amorosas que um mando mais obriga. Assim concitou D. Albino o respeito e a admiração de todos.

Ao longo do seu magistério, D. Albino Cleto tomou sobre si o rútilo alvitre do Papa João Paulo II. Sempre tentou unir, de forma harmoniosa, as dimensões da fé, da inteligência e do coração. Daí o carinho que todos lhe devotamos.

Senhoras e Senhores

A personalidade cristã de D. Albino Cleto irradia traços marcantes. Nem palácio, nem carruagem, nem comenda o deslumbraram, porque é um homem simples. Nunca acolheu ressentimentos, porque é justo. Nunca sentiu emulação, porque alheio à ambição que perturba o entendimento. Nunca hesitou em proclamar a verdade, porque desconhece a mentira. Nunca reagiu com brusquidão, porque aceita, com naturalidade, as adversidades da existência. Nunca faltou aos outros com ajuda e compreensão, porque possui a virtude do amor pelo próximo.

4. Não resisto, Senhor D. Albino, a contar uma história registada pelo nosso venerável escritor Manuel Bernardes. O Bispo de Ossuna, D. João de Palafox, fora alvo de reparos, porque, apesar de gostar de chocolate e de no seu bispado haver os melhores ingredientes, não o usava.

E o Senhor Bispo teve necessidade de vir a terreiro justificar-se. Argumentou então: «Não o faço por mortificar-me, senão para que não haja em minha casa quem mande mais do que eu; e tenho observado que o chocolate é alimento dominante e que, em se habituando a ele, não se toma quando a pessoa quer, senão quando quer ele».

Não consta que o chocolate tivesse desafiado a autoridade de D. Albino Cleto na Diocese de Coimbra. Mas, segundo soam as fanfarras dos corredores, é D. Albino, ele próprio, um cultor das *leges artis* em matéria culinária.

Será, pois, com propriedade acrescida, que D. Albino Cleto dissertará sobre «O Sentido Bíblico da Refeição». *Rectius*, «O Cordeiro da Alegria que nos Mata a fome».

CADC, 17 de Maio de 2012

